

# EVOLUÇÃO DO SERVIÇO DE VETERINÁRIA DO EXÉRCITO

Maj Vet (QEME)

ANTÔNIO AUGUSTO PIRES DA ROCHA

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho "Evolução do Serviço Veterinário do Exército" um dos assuntos por nós escolhido e selecionado pela ECEME para que o realizássemos, é a reunião de dados diversos, é a consulta a documentos vários sobre o assunto que procuramos reunir em um único. É um extrato, uma condensação de tudo que sobre o Serviço de Veterinária já foi dito e escrito.

Como condensação e extrato, contem apenas dados indispensáveis à compreensão do assunto. Muitos detalhes, às vèzes bastante interessantes e pitorescos, tiveram de ser omitidos para que êste pequeno trabalho não se tornasse um livro.

Alguns detalhes foram mais desenvolvidos devido a importância que tiveram na "Evolução do Serviço", e mereceram portanto êste tratamento.

Para melhor entendimento resolvemos desenvolver o assunto em três partes: O PASSADO, O PRESENTE e o FUTURO, ou em outras palavras o que foi, o que é e o que será o Serviço de Veterinária do Exército.

Veremos o que foi a luta travada para a obtenção de Cursos Técnicos que nos faltavam. Era o interêsse do colonizador impedindo o desenvolvimento da colônia naquilo que pudesse concorrer com a Metrópole ou os grupos interessados no não desenvolvimento de nossa indústria pastoril, fazendo com que o Brasil país agrícola importasse carne, laticínios, etc. Veremos a ignorância popular impedindo as primeiras medidas saneadoras de higiene. Esta mesma ignorância não compreendia como se interessavam tanto pelos animais e tão pouco pelos homens, sem saber que a saúde de ambos está interligada.

Veremos o surgimento em boa hora dos vultos de Muniz de Aragão, Oswaldo Cruz, Hermes da Fonseca, Afonso Pena, Leite de Castro e outros, dando ao Veterinário o destaque que merece, convencendo a todos da importância da existência dêste técnico para o País, e dêste Quadro para o Exército.

Veremos o que faz hoje o Serviço e a Escola de Veterinária do Exército.

Veremos por fim o que fará o Serviço de Veterinária se lhe fôr dado o apoio do Escalão Superior.

## O PASSADO

*O Brasil Reino*

É nesse período, que vamos encontrar os primeiros passos para a organização do Quadro de Veterinária do Exército.

Pelo Decreto de 5 de dezembro de 1810, assinado pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Guerra, Conde de Linhares, foi criado no primeiro Regimento de Cavalaria do Exército "hoje 1º R C G" o cargo de Veterinário, com sôldo mensal de 10\$000.

A 31 de janeiro de 1818 é publicado o seguinte Decreto, com a rubrica de Sua Majestade.

"Manda crear uma aula de alveitaria no 1º Regimento de Cavalaria do Exército: Sou servidô nomear para exercer a João Batista Moncouet, Artista Veterinário vencendo de soldo 20\$000 por mez, com obrigação de crear uma aula desta arte, no logar que mandarei destinar, gozando da graduação, que competir ao referido logar. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e lhe faça expedir os despachos necessários."

Nos Arquivos militares e atos Oficiais nada foi encontrado sôbre o local, alunos, programas ou tempo de duração da "aula" mandada criar por D. João VI.

*Brasil Império*

Sômente seis anos após a criação da "aula" por D. João VI, vamos ver reaparecer em manifestação oficial algo sôbre atividade profissional Veterinária. É no ato governamental da Secretaria do Estado da Guerra, em 12 de julho de 1824 que fixa o sôldo do Veterinário militar em 300 réis diários.

Em 15 de setembro dêste ano, o Ministro João Vieira de Carvalho determinava que o Veterinário do Exército, de acôrdo com as ordens da Tesouraria Geral das Tropas, examinasse os animais inutilizados para o Serviço do Exército, avaliando-os para a venda em Hasta Pública.

Em 28 de janeiro de 1826, no plano de organização do 6º Corpo de Artilharia Montada de 1ª Linha do Exército, que se achava anexo ao 7º Corpo de Artilharia de Posição é que vai aparecer funcionalmente o Veterinário na Tropa.

Pelo Decreto número 30 de 22 de fevereiro de 1839, foi dada nova organização ao Exército do Brasil tendo sido atribuídos Veterinários aos seguintes Corpos de Tropa:

Um Regimento de Cavalaria Ligeira, Dois Esquadrões de Cavalaria Ligeira (Constituindo um Corpo) e Corpo de Artilharia a Cavallo.

Em 1851, sendo Ministro da Guerra Manoel Felizardo de Souza e Melo foi pelo Decreto número 782 de 19 de abril, aprovado o Plano da Organização do Exército que criava Corpos Móveis e Corpos de Guarnição.

Nesta organização do Exército Imperial, encontramos o Veterinário na composição do Quadro do Regimento de Cavalaria e no de Artilharia a Cavallo.

O Regimento de Cavalaria compunha-se de : Estado-Maior, Estado-Menor, Oito Companhias em quatro esquadrões. A composição do Estado-Maior do Regimento de Cavalaria era a seguinte: 1 Coronel Comandante — 1 Tenente-Coronel — 1 Ajudante — 1 Quartel Mestre — 1 Secretário — 1 Capelão — 1 Primeiro Cirurgião — 1 Segundo Cirurgião — 1 Veterinário — 1 Picador.

Os Regimentos de Artilharia a Cavallo eram também compostos de um Estado-Maior semelhante ao do Regimento de Cavalaria.

Em 1852, o S. V. obedecia aos Regulamentos do Exército Português, naquilo que fôsse possível aplicar no Brasil.

Desta regulamentação, conforme a "Coleção Sistemática das Ordens do Exército" desde 1809 até 1858 coordenada por Vital Prudência Alves Pereira, volume III, Lisboa 1861, publicação da Tipografia de Francisco Xavier de Souza e Filho, vamos citar alguns artigos, a título de curiosidade, e para comparação com o nosso atual RISG:

Art. 1º. Os facultativos Veterinários serão obrigados a residir dentro do Quartel, ou o mais próximo que fôr possível dos Corpos a que pertencerem.

Art. 2º. ....

Parágrafo único: Sempre que algum cavallo adoça repentinamente, o Oficial do Estado-Maior mandará chamar o Facultativo, o qual será obrigado a comparecer imediatamente.

Art. 4º. O Facultativo Veterinário será autorizado a tomar conhecimento do alimento que se dará aos animais, e modo de lhe ser administrado, propondo, motivadamente e por escrito ao Comandante do Corpo as providências que julgar convenientes.

Art. 7º. O Facultativo Veterinário proporá e o Comandante do Corpo fará executar o sistema de Enfermaria e demais serviços de curativo que julgar necessário.

Art. 19. Quando nas visitas que o Facultativo Veterinário f'zer aos animais, encontrar algum incapaz de todo o serviço, e que portanto deve ser vendido, dará parte ao Comandante do Corpo e o mesmo fará quando em consequência de moléstia contagiosa, entender que algum deva ser morto.

Como vemos, muitos artigos desta Lei ainda são atuais...

Em 1865, na Organização do Exército, aprovada pelo Decreto número 3.555, de 9 de dezembro, sendo Ministro da Guerra Angelo Muniz

da Silva Ferraz, foi criado no Corpo de Caçadores a Cavallo o cargo de Veterinário.

Pelo Decreto 4.572, de 12 de agosto de 1870, sendo Ministro da Guerra, o Barão de Muritiba, a reorganização do Exército conserva nos Estados-Maiores dos Regimentos de Artilharia a Cavallo e nos Regimentos de Cavalaria Ligeira o Oficial Veterinário.

A princesa Imperial Regente, em 1876, quando Ministro da Guerra o Marechal Duque de Caxias, assinou o Decreto número 6.373 de 15 de novembro, aprovando o "Regulamento para a Disciplina e Serviço dos Corpos Arregimentados do Exército nos Quartéis Fixos" em cujo título II que tratava das disposições relativas aos Corpos montados determinava no Capítulo VII as atribuições do Veterinário. Estas atribuições eram com pequenas diferenças e adaptações às já vigorantes desde 1852.

Em 1883, o Quadro Sanitário humano e animal era aterrador. Na população humana a febre amarela, peste bubônica, mormo, malária, cólera, etc.

Nos animais, o mormo, o carbúnculo, estreptococia eqüina etc. eqüina, etc.

Os militares no Rio de Janeiro pagavam pesado tributo pelas endemias e epidemias na população e pelas doenças dos animais transmissíveis aos homens (Mormo).

Veterinários não existiam, pois não havia Escolas para formá-los.

A profissão era desempenhada por curiosos, abnegados ou aventureiros.

O baixo nível cultural da população e o desenvolvimento de rudimentos da higiene pública completavam o quadro desolador da época.

Foi nesta ocasião que a "Revista do Exército Brasileiro", periódico editado pelo Ministério do Exército, e sob a direção dos Majores Alfredo Ernesto, Jacques Ouriques e Antonio Vicente Ribeiro Guimarães e Capitão Francisco Agostinho de Melo Menezes, em seu número de 1883 trazia um artigo do Capitão de Artilharia Araujo Correa, no qual o autor expunha a situação e batalhava pela fundação de uma Escola de Medicina Veterinária, citando em determinado trecho:

"A ausência de Escolas de Veterinária e a extrema necessidade que delas temos acentua-se cada vez mais de um modo mais pronunciado entre nós, não só por meio de graves prejuízos para as indústrias criadoras, como tanto para a higiene e alimentação pública.

.....

Não é só a fortuna particular que sofre funestas conseqüências desta falta, o Governo também as sente e os cofres públicos despendem centenas de contos em pura perda, que poderiam ser aproveitados dotando-se o País de Escola dessa especialidade, que trariam largas messes de benefícios reais.

Assim é que a Remonta do Exército atinge anualmente a uma cifra bem considerável, porque a compra não precede a um exame sério, detalhado e consciencioso como é de rigor, por falta de Veterinários capazes de o fazerem.

E concluiu: Se as nossas palavras despertarem as autoridades competentes, temos esperança de que em breve teremos êsse indispensável melhoramento, restando-nos a satisfação de termos apontado uma medida tão útil quanto necessária."

#### *Brasil República :*

Pelo Decreto número 21 de 28 de novembro de 1889, que aprovou o plano de uniformes para o Exército, é fixado o distintivo para o Veterinário consistindo de um V de galão dourado de 13mm de largura, para ser usado em cada mança do fardamento.

Além do distintivo, a República manteve a mesma organização imperial de 1888.

Depois da "Aula" mandada criar por D. João VI é em 1893 a 5 de agosto que o Deputado Gastão da Cunha apresenta a Câmara dos Deputados, projeto elaborado pelo professor Azevedo Sodré, baseado no Regime universitário alemão e a pedido de Rodrigues Alves projeto que criava cinco Universidades e era instituído o Ensino de Medicina Veterinária com a Fundação do Curso anexo na Escola de Minas, de Ouro Preto.

Segundo Primitivo Moacir "Evolução do Regime Universitário no Brasil na República" "Jornal do Comércio de 18 de fevereiro de 1937" uma das atividades destas Universidades seria "verificar as habitações profissionais de médico, dentista, farmacêutico, parteira, advogado, engenheiro, agrimensor e veterinário".

Embora previsto o funcionamento do Curso de Medicina Veterinária anexo a uma Escola de Minas, como desde D. João VI, todo o projeto neste sentido desaparecia misteriosamente.

A situação precária do Estado sanitário dos rebanhos, em 1894, determina o contrato de um Veterinário inglês Radclif que chegou ao Rio para dirigir essa campanha sanitária.

A campanha da Radcliff iniciou-se no segundo Regimento de Artilharia cujo Comandante era o Ten Cel Hermes Rodrigues da Fonseca e incluía o uso sistemático da maleína, desinfecção, uso de bebedouros individuais, sacrifícios dos mormosos etc. Idênticas medidas foram tomadas no 1º Regimento de Cavalaria na época comandado pelo Cel José Caetano de Farias.

As medidas de sacrificio sumário dos mormosos (Regentes positivos à prova de maleína) e a antipatia aos sanitaristas trouxeram uma reação muito grande, obrigando o Veterinário Radcliff a abandonar o serviço para o qual fôra contratado.

Mais uma vez as zoonoses venciam os técnicos, apoiadas na ignorância popular...

Em 1904, o Almanaque do Ministério da Guerra dava a seguinte composição do Quadro de Oficiais do Serviço de Veterinária: Na Artilharia seis Oficiais; Na Cavalaria, quatorze Oficiais.

Neste mesmo ano, em nove de abril é João Muniz Barreto de Aragão designado para o Laboratório Militar de Bacteriologia, atual Instituto de Biologia do Exército. É durante os estudos e o desempenho de suas funções neste Laboratório, que Muniz de Aragão sente a necessidade da fundação de uma Escola de Veterinária pois seus estudos são dificultados pela inexistência de profissionais que conhecessem a Biologia e a patologia dos animais.

A partir daí, a fundação de uma Escola de Veterinária passa a ser um objetivo, para cuja conquista Muniz de Aragão empregará tôdas as suas energias.

Esta sua vontade foi reforçada, quando como resultado de seus estudos chegou à conclusão e afirmou que: "muita suposta tuberculose no soldado não passa de verdadeiro Mormo Pulmonar".

Em 1906 a composição do Quadro teve a seguinte alteração para mais: 1 Oficial Veterinário para o Corpo de Transporte e 1 Oficial para a Coudelaria Nacional de Saican.

Pela lei n. 1.860 de 4 de janeiro de 1908, foi fixada a divisão do Exército em Armas e Serviços.

O Serviço de Veterinária, foi incorporado ao Serviço de Saúde com a denominação genérica de Serviço de Saúde e Veterinária, e teve a seguinte constituição em Oficiais:

2 Capitães, 23 Primeiros-tenentes e 25 Segundos-tenentes.

Estes oficiais seriam recrutados mediante concurso, facultando o seu art. 135, que os oficiais veterinários já existentes fôsem transferidos para o Quadro reorganizado desde que se sujeitassem ao exame de admissão. Como nesta época ainda não existisse no País Escola de Veterinária para formação de técnicos que mediante concurso viessem integrar o quadro de Veterinária, o Dec. n. 6.972 de 4 de julho de 1903, que regulamentou a Lei n. 1.860 já citada, em seu art. 6º, criava a Escola de Veterinária com seu respectivo curso, e estava assinada pelo Presidente Afonso Augusto Moreira Pena e pelo Ministro da Guerra Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

Em 1907 foi o Diretor do Corpo de Saúde da Guerra Gen Dr. Ismael da Rocha enviado à Europa para contratar profissionais estrangeiros para a fundação da Escola, e em 10 de maio de 1908 chegavam ao Rio de Janeiro os Ten. Cel. Dupuy e Cap. Ferret, formados pela Escola de Alfort e indicados pelo cientista Prof. Roux, Diretor do Instituto Pasteur de Paris.

Este cientista ao receber o Gen. Dr. Ismael da Rocha, assim se expressa: "O seu Ministro é um vidente; vê certo; porque ataca um problema que parecendo atender só ao Exército, se irradia pela produção nacional e a riqueza do Brasil". Estas palavras acham-se registradas nos Anais de 1903 da Academia de Medicina.

Aqui chegados Dupuy e Ferret, vendo que o problema sanitário era o mais grave e que necessitava maior urgência, atacaram-no com afinco, não sobrando tempo para a organização do curso da Escola de Veterinária. Reiniciava-se assim a "Era profilática" que havia sido começada por Radcliff em 1894, mas que a reação havida obrigou-o a abandonar.

Este trabalho levou 12 anos a ser completado e coincidiu com o trabalho saneador de Oswaldo Cruz, que, regressando da Europa onde havia estudado no Instituto Pasteur, recebera a missão de exterminar a peste bubônica e fundar a medicina experimental no Brasil. Para tanto, julgou indispensável a colaboração da Veterinária e contratou o Veterinário Carré do mesmo Instituto Pasteur. Segundo Gastão Pereira da Silva em seu Livro "O Romance de Oswaldo Cruz".

Por Aviso n. 2.226, de 2 de agosto de 1910, é o então Cap. Muniz de Aragão pôsto à disposição do Ministério da Agricultura para organizar o Serviço de Veterinária e resolver numerosos problemas sanitários e econômicos da produção animal.

Ali permanece até 11 de dezembro de 1911, quando o Ministério da Guerra reclama seus serviços e o traz de volta, pois que regressavam à França os oficiais Drs. Dupuy e Ferret.

Os assinalados serviços prestados por Muniz de Aragão ao Ministério da Agricultura são postos em reconhecimento no Av.so n. 186 de 21 de dezembro de 1911, publicado no Boletim do Exército n. 23.

Nova Missão Francesa é contratada. Desta vez vem ao Brasil o Maj. André Vantillard e o Cap. Henri Marlianiéas, da mesma Escola de Alfort, que constituem a 2ª Missão Francesa que chega ao Brasil em 1913.

Chega 1914. A Polícia Sanitária segue seu curso na Guarnição. Muniz de Aragão concentrava esforços para a fundação da Escola de Veterinária, criada pela Lei n. 1.860. Um obstáculo levantava-se aparentemente intransponível: falta de local para sua instalação.

Quando mais remota parecia a possibilidade de obtê-lo, conversava Muniz de Aragão com o então Maj. Leite de Castro durante a maleinização que se realizava no Quartel Tipo do antigo Grupo Provisório de Obuses, atual 1º G Can A Aé 40. Leite de Castro sempre pronto a amparar idéias nobres, nesta mesma noite prometeu um compartimento na ala direita do Quartel Tipo para que fôsse instalada a Escola de Veterinária.

Mas não ficou só na promessa. Cedeu o pavilhão e não apenas animou Muniz de Aragão, como colaborou devotada e inteligentemente. Graças a este apoio, em pouco tempo a dependência está pronta. Muniz de Aragão

vai à presença do Gen Antonio Geraldo de Souza Aguiar, Cmt da Região, que também estava interessado na organização do Serviço, comunica-lhe a obtenção do local e convida-o para uma visita.

Neste mesmo dia, Souza Aguiar vai com Muniz de Aragão visitar o Quartel Tipo e admira o trabalho realizado. Solicitado a que marque a data da inauguração, o ilustre Chefe propõe dar solenidade ao ato, convidando o Chefe do Estado-Maior, o Sr. Ministro e obtendo o convite ao Sr. Presidente da República.

Em 17 de julho de 1914, com a presença das autoridades acima, é inaugurada a Escola de Veterinária do Exército, primeiro núcleo formador de profissionais Veterinários criado no Brasil.

Mas a alegria e euforia durariam pouco. Com a eclosão da Grande Guerra, o Governo Francês solicita a presença de seus Oficiais que compunham a 2ª Missão Francesa.

Com a partida dos dois Oficiais, Muniz de Aragão convoca os amigos e idealistas já entrosados no plano e leva à frente seu projeto. Foram êles: Alves Cerqueira, Tito da Fonseca, Luiz de Lima Bittencourt, Teles Pires, Moreira Sampaio, Castro Pinto, Mário Bittencourt, Goulart Bueno, e Azevedo Lima.

Os esforços foram recompensados, pois em 1917, saía a 1ª Turma de veterinários, logo incluídos no Quadro. Outras mais se sucederam, e o local do Quartel Tipo já se tornava pequeno para abrigar os jovens que procuravam a Escola. Foi quando Muniz de Aragão obteve do Gen. Cardoso de Aguiar então Ministro da Guerra, orçamento e o início das obras da Escola de Veterinária do Exército, no local onde ainda hoje se encontra. Ao Gen Cardoso de Aguiar, sucede na Pasta da Guerra o grande Pandiá Calógeras que dá continuidade à obra, tornando possível sua inauguração em 1920.

Desta Escola saem os Veterinários que indo servir nos Corpos de Tropa no interior do Brasil, com seu entusiasmo e colaboração fazem a semente frutificar trabalhando no desenvolvimento do ensino Veterinário, colaboram gratuitamente na fundação de Escolas de Veterinárias civis, como ocorreu no Rio Grande do Sul (Porto Alegre); Paraná (Curitiba); São Paulo (São Paulo); Minas Gerais (Belo Horizonte); Pará (Belém) e no Estado do Rio de Janeiro (Niterói).

Em 1920, chega a terceira Missão Francesa, composta do nosso já conhecido Maj. Henri Marliangéas e o Cap. Paul Dieulouard, que aqui permaneceram até 1933.

Assim com a criação da Escola de Veterinária do Exército pôde o Quadro de Veterinária expandir-se, prestando serviços ao Exército e à Pátria.

#### O PRESENTE

##### *Realizações*

Com a Escola de Veterinária em pleno funcionamento, e seus profissionais aproveitados no Serviço de Veterinária, este Quadro entrou

em expansão distribuindo-se êstes oficiais em tôdas as Unidades que possuísem equídeos em seus efetivos.

Graças ao trabalho honesto e profícuo, pela Portaria n. 14 de agosto de 1931, o Serviço de Veterinária, separou-se do Serviço de Saúde tornando-se um Quadro à parte;

Mas nem tudo seriam alegrias e vitórias para o Quadro pois pelo Aviso 412 de 30 de junho de 1937 o Exmo. Sr. Ministro da Guerra determinou o fechamento da Escola de Veterinária. O rude golpe, antes de atingir o Quadro, atingiu em cheio os jovens que na época cursavam a Escola, e apesar das ponderações apresentadas, pois apenas pediam permissão para concluir o curso que haviam iniciado, nem isto obtiveram do Ministro na época. Foram obrigados a recorrer ao favor das Escolas civis, para que pudessem ter seu curso concluído, quando o mais humano seria não realizar mais exames de admissão para novas turmas e deixar terminar o curso os que já o haviam iniciado.

Mas durou pouca esta atitude, pois dois anos após, pela Portaria n. 2.530 de 24 de outubro de 1939, era reaberta a Escola de Veterinária, desta vez não formando Veterinários mas adaptando à vida militar os veterinários formados pelas Escolas civis. Em sua maioria, os profissionais que acorreram aos primeiros chamados foram os mesmos que tinham sido cortados em 1937. O ideal falava mais alto que o temor da insegurança da época.

A partir de 1946, foram os veterinários militares, saindo de sua rotina nos Corpos de Tropa e procurando desenvolver-se em proveito de suas Unidades, muitas das quais possuíam Invernadas para seus animais.

Nestas foram iniciadas hortas, pomicultura, plantio de pastagens e pequenas culturas desenvolvendo pequenas criações.

Com esta atividade desenvolvia-se de modo desordenado, e prevendo o grande alcance social e os recursos que canalizaria para a Unidade Administrativa que a possuísse, em 9 de novembro de 1948, pela Portaria n. 181, eram organizadas as Granjas Militares, que tiveram sua regulamentação em 1951, pela Portaria n. 64 de 15 de março.

Esta regulamentação sobre as Granjas Militares foi uma legislação pioneira no assunto. Como tal, contém muitas imperfeições que devem ser corrigidas; adaptadas outras para enquadrarem-se na evolução e progresso atuais.

A Es V E nesta época, visando o aprimoramento cultural dos futuros Oficiais do Quadro, paralelamente ao curso normal, de adaptação do Veterinário civil à carreira militar, contando com o concurso de técnicos civis do Ministério da Agricultura, e Catedráticos da Universidade Rural, criou em seu Curriculum, cursos de Aprimoramento em: Avicultura, Inseminação Artificial, Genética Animal etc.

Neste assunto, não nos aprofundaremos pois sabemos que é tema do trabalho de um colega, que o analisará com maior profundidade.

Para auxiliá-lo neste trabalho, precisa o veterinário militar contar com eficientes elementos. Onde buscá-los? Aproveitar os Enfermeiros-Veterinários e Ferradores já existentes e ministrar-lhes os conhecimentos necessários à nova atividade. Para tanto foi criado na Es VE, o Curso de Auxiliares de Granja (CA Gr), que tem devolvido às Unidades possuidoras de Granjas elementos capacitados para estas novas funções.

Entre as funções regulamentares dos veterinários de um Corpo de Tropa, está a Inspeção e Reinspeção de alimentos e forragens. Para maior eficiência dêsse serviço, foram criadas vaças de Veterinário em todos os Estabelecimentos de Subsistência do Exército, onde a função do Veterinário é a Inspeção, com a Análise Prévia e Fiscal dos gêneros adquiridos para distribuição às Unidades.

Com o advento da 2ª Guerra Mundial, a procura de alimentos em todo o mundo aumentou, provocando o desenvolvimento de novas Indústrias com novas técnicas de produção de alimentos.

Que fez o Serviço de Veterinária? Manteve-se estático? Não. Apesar de nos curriculum de tôdas as Escolas existir a Cadeira de Inspeção de Alimentos, tornando o Veterinário apto à esta função, o Serviço de Veterinária conseguiu matrícula para vários de seus Oficiais, no curso de Bromatologia existente na Faculdade Nacional de Farmácia, e diga-se com orgulho que os oficiais que completaram êste Curso sempre o fizeram entre os primeiros colocados. Estava solucionado o problema? Não.

Mais uma vez o núcleo formador do Quadro, a Es VE, entrava em funcionamento. Pela Portaria n. 70 de 11 de junho de 1961, cria-se na Escola o Curso de Inspeção de Alimentos e Bromatologia (CIA B) e complementando o nôvo Curso, é criado para Sargentos o Curso de Auxiliar de Inspeção de Alimentos (CAIAL).

Todos os formados nestes Cursos vão servir nos Estabelecimentos de Subsistência, órgão centralizador das aquisições de alimentos para o Exército.

Mas não parou aí a contribuição da Veterinária Militar na Inspeção de Alimentos. Não é só na paz que a tropa precisa de alimentos sãos. Em campanha maior é a necessidade deles. Também êste ponto foi estudado e está resolvido. A Es VE idealizou, construiu e testou a Canastra de Inspeção de Alimentos, contendo em seu interior todos os reagentes e material necessários à Inspeção. Esta Canastra aguarda apenas a aprovação do Estado-Maior do Exército para ser iniciada sua construção em série e feita sua distribuição aos Corpos de Tropa localizados em regiões onde não existam Estabelecimento de Subsistência com Laboratórios Instalados, para que os exames sejam feitos na própria Unidade, e o que é mais importante, esta Canastra poderá acompanhar a Unidade em seus deslocamentos pois sua pequena dimensão (0,50m x 0,55m) o permite e, em pleno campo, o soldado receberá o alimento inspecionado e em boas condições.

### *Conquistas*

Através dos campos foi o Quadro de Veterinária crescendo dentro do Exército e impondo-se pelas realizações e eficiência de seus profissionais.

Como coroamento deste trabalho honesto, silencioso e profícuo, obteve o Quadro pelo Decreto n. 1.630 de 30 de junho de 1952, publicado no D. O. n. 150 de 1 de julho do mesmo ano, a criação de um General para chefiar seu Quadro e sua atual composição.

Como decorrência deste fato, obteve o Serviço de Veterinária pela Portaria n. 182 de 22 de março de 1954, a criação de seu Curso de Aperfeiçoamento, funcionando junto com os Cursos das Armas e dos Serviços de Intendência e Saúde, na Es A O. Para este Curso, acorreram todos os Veterinários chamados, e hoje seu curso está suspenso, por não possuir em seu Quadro capitães para aperfeiçoar, salvo os últimos promovidos quando já em funcionamento o 2º turno dos Cursos daquela Escola.

Não descansaram aí os Veterinários, até que, em 1958, conseguiram, submetendo-se a concurso igual aos demais, o ingresso nesta Casa de Ensino Superior de nosso Exército (ECEME).

O interesse dos Veterinários pelo ingresso no curso desta Casa pode ser verificado pelos seguintes dados: Desde sua criação, apenas em 1963 o número de candidatos foi inferior ao número de vagas.

Em 1964 para uma vaga fixada inscreveram-se três candidatas, logrando todos aprovação no concurso. Para o ano de 1965, também para uma vaga fixada inscreveram-se 10 candidatos.

É o entusiasmo dos Veterinários militares, e o seu desejo de melhor servir ao Brasil, ao Exército e a seu Quadro que os faz acorrer a esta Casa, em busca de novos conhecimentos e maiores horizontes.

### O FUTURO

Para o Futuro, deverá o Serviço de Veterinária desenvolver-se principalmente em três setores importantes, os dois já citados como realizações do Presente, e iniciar imediatamente o terceiro setor que é a Criação e Treinamento do Cão de Guerra, cujos detalhes também não serão aqui abordados por tratar-se de assunto de outro colega.

#### *Produção Agropecuária*

— Aumentar a produtividade das Granjas, corrigindo falhas e senões em sua legislação para permitir-lhes franco desenvolvimento.

— Treinamento de quadros para permitir a exploração, por parte do Exército, de algumas de suas Fazendas e Campos, que realmente apresentam condições de produção econômica visando o abastecimento dos Corpos de Tropa.

### *Inspeção de Alimentos*

— Aumento do número de vagas no Curso de Inspeção de Alimentos e Bromatologia (CIAB) com aquisição de mais material para a Es VE a fim de permitir a especialidade de maior número de Oficiais.

Dotar a Es VE do restante dos equipamentos necessários à instalação, ali, de um verdadeiro Laboratório Central de Bromatologia do Exército, dando-lhe meios e condições de trabalho para que possa auxiliar na complementação dos estudos sôbre Alimentação e Reações nas Fôrças Armadas.

### *Cão de Guerra*

— Início imediato dêste setor no Exército, com a criação das raças indicadas e testadas em países mais adiantados, adaptando ao nosso País os sistemas de criação e treinamento dêsses animais, para as diversas funções que desempenharão.

— Envio de nossos profissionais ao estrangeiro, em busca de conhecimentos "in loco" com a finalidade de transmitir suas observações, aumentando os Quadros dirigentes dêstes nôvo setor.

— Instalação de canais de criação e treinamento, no mínimo 1 em cada Região Militar.

Outras medidas de ampliação dêstes setores poderiam ser apontadas, o que alongaria demais êste Trabalho. Temos a certeza que surgirão como decorrência do próprio desenvolvimento que tomarem qualquer dê.tes setores, o que tornará a Veterinária, ainda, indispensável ao nosso Exército quer seja êle motorizado em parte ou no todo.

## CONCLUSÃO

Como pudemos observar da exposição acima, foi em ambiente hostil e de lutas que se organizou o Serviço de Veterinária do Exército.

Não foi em terreno hortado e adubado que se lançou a semente da Veterinária. O terreno teve que ser conquistado, a terra desbravada e trabalhada para só então ser lançada a semente, que germinou e desenvolveu, graças ao cuidado e idealismo de vultos inesquecíveis para os Veterinários Militares.

Para têrmos idéia do que foi a luta, vamos relatar um episódio que nos foi contado pelo Gen R/1 Waldemiro Pimentel, um dos primeiros oficiais veterinários formados pela Es VE e grande colaborador e companheiro de Muniz de Aragão.

Certo dia estavam ambos procedendo a maleinização dos animais do atual 1º RCG. Este serviço, como medida de contrôle, uma vez iniciado, sòmente era paralisado após a inoculação do último animal.

O serviço havia sido iniciado às 7 horas da manhã, e estavam malinizadas pouco mais da metade do efetivo eqüino ao meio-dia. Aproximando-se o almoço, foi Muniz de Aragão procurar o Cmt da unidade para solicitar sua autorização para que, mediante indenização, êle e Pimentel pudessem almoçar no Regimento. Seu pedido foi negado, apesar de tratar-se de dois oficiais que estavam dispostos inclusive a indenizar o Rancho da Unidade.

Os trabalhos prosseguiram e Muniz de Aragão e Waldemiro Pimentel, neste dia, almoçaram às 17 horas...

Tempos mais tarde, êste Cmt encontrou-se com os dois oficiais e veio desculpar-se da grosseria que havia cometido com ambos, explicando que na ocasião estava sob influência da reação da época aos sanitaristas.

A motorização do nosso Exército em nada atingirá o Quadro de Veterinária, como poderão pensar os menos avisados, pois não estamos dependentes do cavalo para sobrevivermos como Serviço, como não dependemos dêle para a criação do Quadro.

Não foi para a preservação do efetivo eqüino que o Quadro foi criado, mas para a defesa do homem, do soldado, que êle nasceu. Foi portanto visando o combate às antroponozoonoses que surgiu o Quadro de Veterinária, e nesta luta êle expandiu-se, suas atividades aumentaram à medida que seus esforços debelavam as doenças.

Se fôssemos dependentes do cavalo, seria na Cavalaria, arma que utilizou e montou suas manobras baseadas no cavalo, e sôbre seu dorso escreveu páginas gloriosas de nossa História, que iríamos buscar proteção para nos desenvolvermos, e no entanto o que vimos nos documentos citados? Quem mais protegeu a Veterinária Militar? Foram os Oficiais oriundos da Arma de Artilharia, como o Cap de Art Araujo Correa em 1883, batendo-se pela criação de uma Escola de Veterinária. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca como Ministro da Guerra em 1903, fundando a Escola de Veterinária. Leite de Castro, em 1914, não contente em ceder o local para a instalação da Escola, trabalhou êle mesmo nas adaptações necessárias, para não falar em Muniz de Aragão, Major Médico, grande batalhador e idealizador da Es V E.

Nossa afirmação, de que não dependemos do cavalo para sobrevivermos como Serviço, não é leviana ou poética, é apoiada em fatos concretos, que podem ser verificados diàriamente, pois vemos em inúmeras Unidades de nosso Exército, como nos Batalhões Ferroviários e Rodoviários e em Unidades já inteiramente moto ou mecanizadas, a presença do Oficial Veterinário em seu efetivo de Oficiais; e êles aí se encontram trabalhando e produzindo em seus setores.

Vimos na perspectiva do FUTURO, novas funções a serem desempenhadas pelo Veterinário, e que serão por êles racionalmente exploradas, como o caso da Criação e Treinamento do Cão de Guerra, pois se para sua criação são necessários conhecimentos de genética, higiene, acasalamento etc., para o treinamento exige-se conhecimentos de Fisiologia e

Anatomia do cão, conhecimentos estes que pelo Curriculum escolar e por sua vida profissional o Veterinário os possui, sendo por isso o elemento indicado para essa função.

Antes de concluir o presente trabalho, queremos expressar nossos agradecimentos ao:

Gen R/1 Waldemiro Pimentel. — Hoje considerado como a "História viva do Quadro de Veterinária", a documentação que nos colocou à disposição, bem como as informações que sempre nos prestou.

Gen Bda Oswaldo Castro. — Diretor de Veterinária, que nos franqueou os arquivos da D V para que pudéssemos compulsá-lo em busca de dados.

Cel Stoessel Guimarães Alves. — Chefe de Gabinete da D V que nos apoiou e ajudou nas buscas de dados que faltavam para completar o trabalho.

Cel José Vaz Curvo Filho. — Cmt da Es VE que nos proporcionou facilidades em nossas pesquisas naquela Escola.

#### BIBLIOGRAFIA

PIMENTEL, CAP WALDEMIRO — Vulto da História Militar do Brasil — CEL DR. JOÃO MUNIZ BARRETO DE ARAGÃO

Rio de Janeiro 1942

PIMENTEL, CAP WALDEMIRO — História e Organização do Serviço de Veterinária do Exército — Revista Militar de Medicina Veterinária

Números 1, 2, 4 e 5 — Ano I — 1933

Arquivos da Diretoria de Veterinária do Exército.

Arquivos da Escola de Veterinária do Exército

A DEFESA NACIONAL é a **sua** Revista de estudos e debates profissionais. **É a sua tribuna.**

MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!